

VOZES QUE ECOAM: PERTENCIMENTO E MEMÓRIA CULTURAL DA COMUNIDADE INDÍGENA BACURIZINHO, GRAJAÚ – MA

Silvana Maria Pantoja dos Santos
(UEMA)

Samaritana Feitosa do Nascimento
(UEMA)

Alexssandra Regina Lopes Guajajara Silva
(UEMA)

Milaiane Oliveira Lopes Guajajara
(UEMA)

Resumo: Os saberes dos povos originários se expressam por meio da língua, cultura e tradição, arraigados de valores que fluem da natureza e de conhecimentos adquiridos com os ancestrais. No entanto, muito da riqueza cultural indígena vem, gradativamente, sendo dizimada, decorrente de fatores externos e do processo de modernização. Nesse sentido, propomos compartilhar os resultados de nossa experiência extensionista vivenciada na comunidade indígena Bacurizinho, localizada na região de Grajaú – MA, cujo objetivo foi contribuir com a valorização da memória cultural da comunidade, a partir do protagonismo indígena. A atividade integrou o Projeto UEMAÇÃO: Operação Territórios Indígenas, desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Maranhão – PROEXAE/UEMA, sendo realizada no período de 05 a 07 de agosto de 2025. Nossa atividade envolveu jovens e adultos da comunidade, incluindo professores indígenas e não indígenas. O percurso metodológico deu-se por meio de rodas de conversa, escuta e registros orais e imagéticos. A iniciativa favoreceu a aproximação intergeracional que reconheceu a importância de valorização do pertencimento à comunidade e contribuiu para o fortalecimento da memória cultural indígena, por meio da troca de saberes.

Palavras-chave: Comunidade indígena, Memória cultural, saberes ancestrais.

VOICES THAT ECHOES: CULTURAL BELONGING AND MEMORY OF INDIGENOUS COMMUNITY BACURIZINHO, GRAJAÚ- MA

Abstract: The knowledge of indigenous peoples is expressed through their language, culture, and traditions, based on values which flow from nature and in ancestral wisdom transmitted across generations. However, their vast and rich cultural heritage of indigenous people has been gradually extinguished by external factors and the process of modernization. In this context, we propose to share the results of our extension lived experience project in the indigenous community Bacuruzinho, located in Grajau - MA, in order to contribute with the cultural memory through indigenous protagonism. The activity was part of the project UEMAÇÃO: Territory operation of indigenous people developed by the Office of Extension (PROEXAE) of the State University of Maranhão (UEMA), and was carried out from August 5 to 7, 2025. Our activity involved young and adults part of that community, including indigenous teachers and non-indigenous. The methodological path had happened by conversation circle, listening and oral imagnetic register. The initiative contributed to intergenerational proximity which acknowledge the importance of the appreciation of a sense of belonging to the community contributed to the strengthening of indigenous cultural memory, by the exchanging of wisdom.

<silvanapantoja3@gmail.com 1>, <maryhfeitosadonascimento@gmail.com 2>, <aleguajajara@gmail.com 3>
<doreiefilha@gmail.com 4>

Keywords: Indigenous community, Cultural memory, ancestor wisdom.

1. Introdução

As narrativas indígenas ancoram-se em duas categorias importantes: a memória e a voz. A primeira envolve os saberes ancestrais repassados de geração em geração; a segunda, veicula a transmissão dos saberes por meios da *performance*, logo ambos os sujeitos - falantes e ouvintes - protagonizam uma ação dialógica em que o texto vocalizado se torna arte, ainda que um único participante detenha a palavra, em uma livre troca de saberes (Zumthor, 1993). Com base nesse raciocínio, considera-se relevante compartilhar os resultados da experiência extensionista que realizamos na comunidade indígena Bacurizinho, localizada no município de Grajaú - MA, com foco na ressignificação da memória cultural. A atividade integrou o Projeto UEMAÇÃO: Operação Territórios Indígenas, desenvolvido pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Maranhão-PROEXAE/UEMA, que ocorreu no período de 05 a 07 de agosto de 2025.

A ação extensionista que ora apresentamos teve como objetivo contribuir com a valorização da memória cultural da comunidade, a partir do protagonismo indígena. A equipe foi formada pela coordenadora do plano de trabalho, professora efetiva da UEMA/Campus de Timon, uma extensionista, à época estudante do Curso de Letras da UEMA/Campus de Timon e duas colaboradoras, então alunas da UEMA/Campus de Grajaú, oriundas das Aldeias Arymy e Bacurizinho. A ação contou com a participação de jovens e adultos da comunidade Bacurizinho, incluindo professores indígenas e não indígenas, o que favoreceu a aproximação intergeracional na troca de saberes. O percurso metodológico deu-se por meio de rodas de conversa, escuta, registros orais e em pinturas feitas em telas, os quais simbolizassem elementos da cultura indígena.

Nossa atividade alinhou-se à Agenda 2030 – Objetivo do Desenvolvimento Sustentável – ODS Nº 04, que versa sobre a Educação de Qualidade, no sentido de contribuir com a conscientização da cultura indígena no contexto acadêmico e ODS Nº 10, que trata da Redução das Desigualdades, com o intuito de contribuir para a desconstrução de estereótipos que permeiam o imaginário social em torno da cultura e modos de vida dos povos originários.

2. Discussão teórica

A ressignificação da cultura, por meio do processo de rememoração, conjuga fatores sociais, de tal modo que possibilita pensar sobre os valores de um povo e modos de resistência, conferindo uma materialidade observável na forma de potencialidades da linguagem, bem como uma visão de mundo de seus narradores (Candido, 2000).

A temática indígena envolve a diversidade dos povos originários, suas contribuições culturais, históricas e sociais, além do reconhecimento de suas línguas, saberes e territórios. Assim, a Lei 11.645/08 é relevante no sentido de instigar o cumprimento do exigido na Constituição Federal de 1988, a qual assegura que a sociedade considere as diferentes culturas e etnias na formação do povo brasileiro. Ocorre que, na prática, pouco tem sido feito para o cumprimento dos princípios legais.

<silvanapantoja3@gmail.com 1>, <maryhfeitosadonascimento@gmail.com 2>, <aleguajajara@gmail.com 3>
<doreiefilha@gmail.com 4>

A cultura indígena, especialmente a Tenetehara-Guajajara, a qual integra a comunidade Bacurizinho, é oriunda de saberes ancestrais firmada na oralidade, no entanto ela encontra-se ameaçada de extinção, diante da “aculturação e da inversão de valores culturais impostos pela sociedade dominante”, afirma Lobo e Nascimento (2019, p. 161).

Conforme Lobo e Santos (2019), o grupo Tenetehára-Guajajara é um dos maiores do Estado e possui uma rica tradição cultural, linguística e social. Trata-se de um legado cultural arraigado de herança simbólica e identitária, o qual deve ser constantemente ressignificado, um patrimônio que precisa ser preservado, a fim de manter viva a diversidade, o conhecimento ancestral e a história dos povos originários.

3. Resultados e discussões

A ação extensionista ocorreu durante 03 (três) encontros. O primeiro foi destinado à reunião com a coordenação da PROEXAE, com a participação de todos os integrantes das equipes envolvidas, ocasião em que foram apresentados os estudantes indígenas responsáveis pela mediação comunicativa com as equipes, as diretrizes gerais, o cronograma das atividades diárias e os planos de trabalho de cada equipe. Os encontros subsequentes ocorreram na Aldeia Bacurizinho, onde a nossa equipe desenvolveu as seguintes oficinas.

3.1 Oficina 01: “O lugar de pertencimento”

Iniciamos com uma roda de conversa, ocasião em que apresentamos o plano de trabalho e um painel com desenhos e fotos diversas sobre ambientes e objetos indígenas motivadores para uma discussão sobre a relação de homens e mulheres com a terra e suas origens. Posteriormente, exibimos a música “*Terra, planeta água*”, de Guilherme Arantes. Alguns indígenas falaram da relação com água, fonte de vida e do alimento que consomem e sobre a importância de defenderem o lugar de pertencimento. Realizamos a leitura da lenda “*Como a noite surgiu*”, narrativa indígena presente na *Coletânea de narrativas Guajajara* (2017), organizada pelo Professor Doutor Fábio Bonfim Duarte. A narrativa instigou os participantes a resgatarem a lenda do jabuti e de outros animais; falaram da importância da fauna e da flora locais, de alimentos, de plantas medicinais, bem como da matéria-prima utilizada na confecção de artesanato — fonte de renda familiar para parte da comunidade — que provém diretamente da mata da região. Tal dependência material e simbólica evidencia a vulnerabilidade dos modos de vida tradicionais diante do avanço do agronegócio, cujo impacto incide sobre a biodiversidade e sobre as condições de reprodução econômica, cultural e identitária do grupo.

3.2 Oficina 02: “Desenhando histórias”

O encontro teve dois momentos, o primeiro foi voltado para os “gatilhos de memória”, inspirado nas rodas griôs (tradição oral africana de guardiões da memória); o segundo, para os registros memorialísticos em forma de pinturas (visando a inclusão e acolhimento dos indígenas que não se comunicam em língua portuguesa). Todos foram convidados a sentar em torno de um tapete de palha de origem indígena repleto de objetos pertencentes à própria comunidade, como maracás, utensílios de pesca, caça e de uso doméstico, plantas, figuras de animais, dentre outros. Essa costura a muitas mãos tornou o momento familiar a eles, o que os deixou mais à vontade para falar sobre seus legados memorialísticos. Cada

um pode pegar um objeto e dizer qual o sentido afetivo que desencadeava e a lembrança em torno dele.

No segundo momento, cada participante recebeu uma tela para pintura, tintas acrílicas coloridas e pincéis, e solicitamos que registrassem na tela objetos que tivessem relação com o seu legado cultural. Foi um momento de muita descontração.

A culminância se deu na área coletiva, cujas pinturas foram exibidas para toda a comunidade e demais equipes do Projeto. Cada participante apresentou a sua arte, com uma demonstração de orgulho identitário, revelando informações sobre a geografia do lugar, a história da aldeia, das lendas, do legado ancestral, da relação com a natureza (o rio, a pesca, a caça).



Figura 1: Exposição de utensílios tradicionais da cultura Guajajara.



Figura 2: Confecção das telas.



Figura 3: Exposição e diálogo sobre as pinturas produzidas.

4. Conclusão

A ação extensionista teve resultados satisfatórios quanto à conscientização dos membros da comunidade a defender e manter viva sua cultura e identidade, sobretudo perante os indígenas mais jovens (os mais impactados pelo processo de aculturação e modernização). Consideramos como fator relevante a contribuição dos relatos memorialísticos dos membros da comunidade para a composição de um quadro revelador dos costumes, tradição, valores culturais e de modos de existência.

Os indígenas envolvidos puderam se expressar sobre o que mudou em relação aos costumes e tradição ao longo dos tempos, suas preocupações e o que pensam sobre a preservação dos saberes ancestrais, mas também houve uma demonstração de orgulho em torno do legado cultural que os une.

A partir da arte como ferramenta de expressão e pertencimento, os indígenas entenderam a importância de resistir e fortalecer os laços comunitários; perceberam que a comunidade tem sua singularidade e, portanto, é de interesse possuir na comunidade um espaço destinado à conservação e manutenção de elementos que remetem à história e cultura local.

Foi possível à equipe executora fazer uma avaliação diagnóstica dos falantes, cuja realidade linguística carece também de cuidados, isso porque o idioma Tenetehara-

Guajajara - dominado pela geração mais velha - é eminentemente oral, o que carece de registros escritos para a manutenção do legado linguístico. Essa constatação poderá motivar novos grupos de trabalhos junto à comunidade.

Por fim, constatou-se que as narrativas apresentadas pelos participantes envolvem os saberes ancestrais em torno da vida cotidiana, das festas, das danças, das lendas e mitos, ricos em valor cultural e representativos dos povos originários, que se sobrepõem ao veiculado pelo discurso do colonizador e pela mentalidade atual daqueles que insistem na diminuição da cultura indígena.

Referências

ARANTES, Guilherme. **Terra, planeta água**. Intérprete: Guilherme Arantes. Disponível em: <<https://open.spotify.com/intl-pt/track/2DPgG4E1DJtqgMu7cJiUWx>>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003), para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 16 jul. 2025.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

DUARTE, Fábio Bonfim (org.). **Coletânea de narrativas Guajajara**. 1. ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Laboratório de Línguas Indígenas (LALIAFRO), 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indicadores Brasileiros para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://atlasescolar.ibge.gov.br/mundo/3185-ods-caderno-desigualdades.html>> Acesso em: 20 de jul. 2025.

LOBO, Marinete Moura da Silva; SANTOS, Vitoria Loiola. A lei 11.645/08 e a temática indígena no currículo escolar de Barra do Corda – MA. **NEABI em foco: temas indígenas – Diálogos interculturais no IFMA, Campus Barra do Corda**.

LOBO, Marinete Moura da Silva; NASCIMENTOS, Rafael Campos. Cantigas, narrativas e representações da identidade indígena do povo TeneteharaGuajajara da região de Barra do Corda – MA. **NEABI em foco: temas indígenas – Diálogos interculturais no IFMA, Campus Barra do Corda**. EWERTON, Carlos Eduardo Penha; LOBO, Marinete Moura da Silva (Orgs.). Barra do Corda, MA: EDIFMA, 2019.

ZUMTHOR, Paul. Memória e comunidade. In: **A letra e a voz: a literatura medieval**. Trad. Amália Pinheiro. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.